

5.3 Dos Estoques

Os estoques finais em tanque aumentaram 21,3%, de 2006 para 2007; e 2,7% de 2007 para 2008. De 2008 para 2009, entretanto, os estoques em tanque declinaram 41,5%, tendo voltado a aumentar, 14%, de 2009 para 2010. Considerando os anos extremos da série, 2006 e 2010, houve redução de 17%.

O resultado da relação entre os estoques finais em tanque e a produção em tanque demonstrou que, em 2006, esses estoques representaram 103,8% da produção da indústria doméstica; em 2007, 107,4%; em 2008, 95,7%; em 2009, 55,2%; e em 2010, 84,2%.

Quanto aos estoques finais envazados, constatou-se que de 2006 para 2007 esses estoques aumentaram 22,3%; e de 2007 para 2008, 38,4%. De 2008 para 2009, todavia, com o aumento das vendas da indústria doméstica, esses estoques declinaram 12,3%. De 2009 para 2010, as vendas da indústria doméstica apresentaram queda e os estoques finais envazados voltaram a subir, 9,4%. De 2006 para 2010, houve aumento de 62,3%.

O resultado da relação entre os estoques finais envazados e a produção envazada demonstrou que, em 2006, esses estoques representaram 17% da produção da indústria doméstica; em 2007, 18,4%; em 2008, 25,8%; em 2009, 21,1%; e em 2010, 22,9%.

5.4 Da Receita Líquida

A receita obtida com as vendas ao mercado interno declinou de 2006 para 2007 e de 2007 para 2008, 9,4% e 14,3%, respectivamente. De 2008 para 2009, entretanto, essa receita aumentou 14,7%; tendo voltado a declinar, de 2009 para 2010, 0,2%. Considerando os anos extremos da série, 2006 e 2010, a receita acumulou declínio de 11,2%.

5.5 Dos Preços de Venda

Em moeda nacional corrigida, o preço médio da indústria doméstica declinou 9,6%, de 2006 para 2007; 9,3%, de 2007 para 2008; e 6,1%, de 2008 para 2009. De 2009 para 2010, todavia, esse preço aumentou 3,6%. Com isso, ao longo da série sob análise, qual seja, de 2006 para 2010, houve queda acumulada de 20,3%.

5.6 Da Evolução do Emprego e da Produção por Empregado

Verificou-se que o número de empregados vinculados à produção de vinho declinou 3,3%, de 2006 para 2007; aumentou 32,2%, de 2007 para 2008; e voltou a declinar 7,3% e 7,8%, de 2008 para 2009 e de 2009 para 2010, respectivamente. Isso não obstante, houve incremento de 9,3% nos postos de trabalho vinculados à produção.

O número de empregados ligados às demais áreas aumentou 7,3%, de 2006 para 2007; manteve-se constante de 2007 para 2008, declinou 14,9%, de 2008 para 2009, e aumentou 14,7% de 2009 para 2010. De 2006 para 2010, esse número aumentou 3%.

A produção por empregado oscilou ao longo da série sob análise, tendo alternado aumentos e quedas. De 2006 para 2007, a produção por empregado aumentou 21,2%; de 2007 para 2008, entretanto, declinou 12,8%; de 2008 para 2009, voltou a aumentar 9,2%; e finalmente, de 2009 para 2010, voltou a declinar 18,9%. Considerando os anos extremos da série, constatou-se queda na produção por empregado, que declinou 6,4%.

5.7 Da Evolução da Massa Salarial

A massa salarial dos empregados vinculados à produção de vinho aumentou 4,4% de 2006 para 2007 e 23,7% de 2007 para 2008. De 2008 para 2009, por sua vez, declinou 2% e de 2009 para 2010, 3,3%. Comparando-se os anos extremos da série, 2006 e 2010, houve aumento de 22,3%.

Quanto à massa salarial dos empregados ligados às demais áreas, verificou-se aumento de 3,1%, de 2006 para 2007; declínio de 20% de 2007 para 2008 e de 3,3% de 2008 para 2009; seguido por novo aumento de 38,7% de 2009 para 2010. Assim, de 2006 para 2010, constatou-se crescimento de 10,7%.

5.8 Da Evolução dos Custos

Em análise à tabela anterior, constatou-se que, em todos os períodos, o item matéria-prima (uva) foi o de maior relevância na estrutura dos custos de produção, tendo respondido por 44,8% desse custo, em 2006; 42,9%, em 2007; 44,2%, em 2008; 43,6%, em 2009; e 44,8%, em 2010. Em seguida, o item embalagem, que respondeu por 27,6%, em 2006; 29,5%, em 2007; 24,7%, em 2008; 30,5%, em 2009; e 28%, em 2010.

Quanto aos custos com matéria-prima, observou-se declínio de 12,4%, de 2006 para 2007; aumento de 19,1%, de 2007 para 2008; novo declínio de 15%, de 2008 para 2009; e novo aumento de 12,8%, de 2009 para 2010. Apesar das variações ao longo da série, em 2006 e 2010, os custos com matéria-prima foram de R\$ 2,06/l.

Os custos com mão-de-obra declinaram 7,6%, de 2006 para 2007; aumentaram 26,9%, de 2007 para 2008; e, em seguida, declinaram 9,9%, de 2008 para 2009, e 3,1% de 2009 para 2010. De 2006 para 2010, os custos com mão-de-obra cresceram 2,4%.

Os gastos gerais fixos também declinaram de 2006 para 2007, 18,4%. De 2007 para 2008 e de 2008 para 2009, esses gastos aumentaram 34,9% e 3,7%, respectivamente. De 2009 para 2010, todavia, voltaram a declinar, 10,3%. Comparando-se 2010 a 2006, verificou-se crescimento de 2,4%.

Os gastos gerais variáveis de 2006 para 2007 declinaram 12,8%, tendo apresentado crescimento de 18,5%, de 2007 para 2008; de 5%, de 2008 para 2009; e de 6,9% de 2009 para 2010. Com isso, de 2006 para 2010, esses gastos apresentaram aumento de 16,1%.

Quanto aos custos com embalagem, verificou-se declínio de 2%, de 2006 para 2007; de 3,2%, de 2007 para 2008; seguido pelo aumento de 6,1%, de 2008 para 2009; e de 1%, de 2009 para 2010. De 2006 para 2010, os custos com embalagem aumentaram 1,7%.

Os custos com "Rendimentos/Perda/Outros" declinaram 1,4%, de 2006 para 2007; aumentaram 42,6%, de 2007 para 2008; voltaram a declinar 80,8%, de 2008 para 2009; e a aumentar 184,2%, de 2009 para 2010. Considerando os anos extremos da série, 2006 e 2010, tais custos apresentaram queda de 23,2%.

Finalmente, quanto ao custo total para fabricação do vinho, constatou-se queda de 8,5%, de 2006 para 2007; aumento de 15,7%, de 2007 para 2008; novo declínio de 13,9%, de 2008 para 2009; e novo aumento de 9,7%, de 2009 para 2010. Apesar das variações ao longo da série, em 2006 e 2010, o custo total para fabricação do vinho manteve-se em R\$ 4,60/l.

Para apuração do custo total foram considerados os gastos necessários à fabricação e à venda do produto, qual seja, considerou-se o custo de fabricação por litro produzido e as despesas operacionais por litro vendido.

O custo total, necessário para fabricar e comercializar vinho, declinou 4,5%, de 2006 para 2007; aumentou 6,4%, de 2007 para 2008; voltou a declinar 15,1%, de 2008 para 2009; e a aumentar 1%, de 2009 para 2010. Assim, de 2006 para 2010, o custo total declinou 12,9%.

5.9 Da Comparação entre os Custos e os Preços da Indústria Doméstica

A partir da comparação entre o preço médio e o custo total unitário, constatou-se que a indústria doméstica obteve resultados declinantes de 2006 até 2008, quando essa comparação denotou resultado negativo. De 2008 para 2010, houve recuperação e esse resultado voltou a ser positivo, porém, inferior aos obtidos em 2006 e 2007. Comparando-se 2010 a 2006, verificou-se queda de 62,2%. Nesse intervalo, os custos totais declinaram 12,9%, já a média dos preços praticados, 20,3%.

5.10 Do Desempenho Econômico-Financeiro da Indústria Doméstica

O lucro bruto da indústria doméstica, à exceção do crescimento registrado de 2008 para 2009, declinou ao longo da série sob análise. De 2006 para 2007, esse lucro declinou 9,4%; de 2007 para 2008, 25,7%. De 2008 para 2009, todavia, o lucro bruto apresentou crescimento de 15,8%. Em seguida, de 2009 para 2010, voltou a declinar, 11,3%. Considerando os anos extremos da série, constatou-se redução de 30,8%.

O resultado operacional da indústria doméstica declinou de 2006 até 2008, quando se tornou negativo. De 2008 para 2009, houve recuperação e esse resultado voltou a ser positivo, porém, inferior aos obtidos em 2006 e 2007. De 2009 para 2010, o resultado operacional declinou ainda mais 17,7%. Comparando-se 2010 a 2006, verificou-se queda de 85,6%.

Por fim, o resultado operacional exclusive resultados financeiros também declinou de 2006 até 2008, mas não denotou prejuízo: de 2006 para 2007, 33,2% e de 2007 para 2008, 68,6%. De 2008 para 2009, esse resultado aumentou 142,7%, embora não tenha atingido os níveis alcançados em 2006 e 2007. De 2009 para 2010, houve novo declínio, de 16,6%. Considerando os anos extremos da série, observou-se queda de 57,5%.

A margem bruta manteve-se em 58,1% em 2006 e 2007. De 2007 para 2008, essa margem declinou de 7,7 p.p.; de 2008 para 2009, aumentou 0,5 p.p.; e de 2009 para 2010, voltou a declinar, 5,6 p.p. Comparando-se 2010 a 2006, verificou-se queda de 12,8 p.p. nessa margem.

A margem operacional, por sua vez, declinou sucessivamente de 2006 até 2008, quando se tornou negativa. De 2008 para 2009, houve recuperação e essa margem voltou a ser positiva, porém, inferior àquelas de 2006 e 2007. De 2009 para 2010, a margem operacional declinou mais 0,4 p.p. Considerando toda a sob análise, de 2006 para 2010, houve queda de 10,6 p.p.

Finalmente, a margem operacional exclusive resultados financeiros declinou 5,2 p.p. e 9,3 p.p., de 2006 para 2007 e de 2007 para 2008, respectivamente. De 2008 para 2009, aumentou 6 p.p., embora ainda tenha sido inferior àquelas de 2006 e 2007. De 2009 para 2010, voltou a declinar 1,9 p.p. Assim, de 2006 para 2010, houve queda de 10,4 p.p. nessa margem.

6. DOS EFEITOS DAS IMPORTAÇÕES SOBRE OS PREÇOS DA INDÚSTRIA DOMÉSTICA

No intuito de verificar o efeito das importações sobre os preços da indústria doméstica, o Departamento avaliou se houve sub-cotação expressiva do preço do produto importado em relação ao preço do produto similar no Brasil; se o preço do produto importado teve como efeito depressão significativa do preço doméstico; e/ou se houve supressão de preço, ou seja, se o preço do produto importado teve como efeito impedir o aumento do preço da indústria doméstica.

6.1 Da Comparação entre o Preço do Produto Importado e o Preço do Similar Nacional

Para verificar se o preço do produto importado esteve sub-cotado em relação ao preço do produto similar nacional, é indispensável que a comparação entre os preços se dê em bases comparáveis. Assim, o preço de importação (exclusive Mercosul e Israel) na condição CIF-internado foi comparado ao preço doméstico na condição ex-fábrica.

Para obtenção do preço CIF-internado, foram acrescentados ao preço CIF valores referentes ao Imposto de Importação, ao Adicional de Frete para Renovação da Marinha Mercante (AFRMM) e às despesas de internação.

No que diz respeito ao Imposto de Importação, foi considerada a desgravação tarifária das importações de vinho originárias do Chile, prevista pelo ACE 35, de 2006 até 2010. Com relação ao AFRMM, considerou-se que todas as importações brasileiras foram realizadas por meio aquaviário. No que se refere às despesas de internação, foi considerado o montante de 3% sobre o preço CIF.

A fim de permitir a comparação, os preços do produto importado foram convertidos para Reais. Para tanto, utilizou-se a taxa diária de câmbio relativa à data do desembaraço, que teve como fonte o Banco Central do Brasil (BACEN).

Ao se comparar a média dos preços praticados pela indústria doméstica com os preços do produto importado (exclusive Mercosul e Israel) internado no mercado brasileiro, que esses últimos estiveram subcotados em relação àqueles em todos os anos do período sob análise.

6.2 Da Depressão e/ou Supressão dos Preços da Indústria Doméstica

Verificou-se que a média de preços praticada pela indústria doméstica no mercado interno, em reais corrigidos, de 2006 para 2010, declinou 20,3%, evidenciando, assim, um cenário de depressão.

Outrossim, constatou-se que a queda de preços ocorreu em proporções superiores à redução de custos, de 2006 para 2010, figurando cenário de supressão. Isso não obstante, à exceção de 2008, nos demais anos da série sob análise, a média de preços praticada pela indústria doméstica foi suficiente para cobrir os custos totais.

7. DA CONCLUSÃO SOBRE OS INDICADORES DE DESEMPENHO DA INDÚSTRIA DOMÉSTICA

Constatou-se que o consumo brasileiro de vinhos aumentou 30,4% de 2006 para 2010. A indústria doméstica, todavia, não logrou acompanhar tal crescimento.

Nesse intervalo, aumentou sua capacidade instalada em 6,7% e a produção em tanque em apenas 2,3%. Como o aumento da capacidade instalada foi proporcionalmente superior ao aumento da produção, constatou-se redução no grau de utilização dessa capacidade.

Os estoques finais em tanque declinaram 17%, mas os estoques do produto envazado aumentaram 62,3%, de 2006 para 2010.

As vendas internas da indústria doméstica aumentaram 11,4%. Esse aumento, todavia, esteve relacionado à queda dos preços médios. De 2006 para 2010, constatou-se queda da receita líquida, deterioração dos resultados obtidos na comparação preço e custo, queda do resultado operacional e compressão das margens de lucro. Vale registrar que, ainda assim, a indústria doméstica perdeu participação no mercado.

O emprego na produção aumentou em proporção superior à produção, do que denotou perda de produtividade, de 2006 para 2010, 6,4%.

Por fim, foi constatada subcotação, depressão e supressão de preços.

À luz desses elementos, constatou-se a existência de indícios de prejuízo grave à indústria doméstica.

8. DO NEXO DE CAUSALIDADE

Nos termos dos §§ 1º e 2º do art. 7º do Decreto nº 1.488, de 1995, a determinação de prejuízo grave ou de ameaça de prejuízo grave será baseada em provas objetivas, que demonstrem a existência de nexo causal entre o aumento das importações do produto que se trata e o alegado prejuízo grave ou ameaça de prejuízo grave. Existindo outros fatores, distintos dos aumentos das importações que, concomitantemente, estejam causando ameaça de prejuízo ou prejuízo grave à indústria doméstica, este prejuízo não será atribuído ao aumento das importações.

Nesse sentido, vale registrar que, de 2009 para 2010, o aumento das importações brasileiras de vinho foi proporcionalmente superior ao dos demais períodos, já que neste intervalo os países consumidores sofreram os efeitos da crise financeira internacional, tendo resultado no escoamento da produção dos países tradicionalmente exportadores ao Brasil.

Assim, de 2009 para 2010, enquanto o consumo nacional aparente de vinho aumentou 20,6%, as importações (exclusive MERCOSUL e Israel) aumentaram 27,8%, tendo sua participação nesse consumo passado de 55,2% para 58,5%.

Neste cenário, a indústria doméstica, aumentou em apenas 8% sua capacidade instalada, teve sua produção em tanque reduzida em 25,3%, do que resultou na redução de 14,6 p.p. do grau de utilização dessa capacidade. As vendas internas da indústria doméstica declinaram 3,7% e sua participação no consumo nacional aparente passou de 12,9% para 10,3%.

De 2009 para 2010, o emprego na produção declinou 7,8% e a produtividade da indústria doméstica foi reduzida em 18,9%.

Neste intervalo, apesar de o resultado da comparação preço-custo ter se tornado positivo, apresentando recuperação em relação a 2008, este esteve aquém dos obtidos em 2006 e 2007. O resultado operacional exclusive resultado financeiro declinou 16,6% e a margem operacional exclusive resultado financeiro passou de 11,4% para 9,6%.

Assim, concluiu-se pela existência de relação de causalidade entre o aumento das importações e o prejuízo grave à indústria doméstica.

Cabe mencionar que não houve alteração na alíquota do Imposto de Importação que pudesse incentivar o aumento do volume importado pelo Brasil, à exceção daquele originário do Chile, em razão do ACE 35, mas que de 2009 para 2010, apresentou crescimento proporcionalmente superior ao ocorrido nos períodos anteriores, quando maior o nível de desgravação.

A propósito, a despeito da preferência tarifária de 100% para os membros do Mercosul, as importações originárias da Argentina e do Uruguai apresentaram participação declinante sobre o total importado e praticamente constante no consumo nacional aparente ao longo da série sob análise, não podendo, portanto, a elas ser atribuído o cenário de prejuízo observado nos indicadores de desempenho da indústria doméstica.

Outrossim, às importações originárias de Israel, que representaram, em média, 0,02% das importações totais brasileiras, também não se pode atribuir o prejuízo constatado em relação aos indicadores da indústria doméstica.

Além disso, não obstante o aumento do poder aquisitivo da população brasileira (crescimento de 6,5% do PIB per capita, que variou de R\$ 16.634, em 2009, para R\$ 19.016, em 2010, segundo dados do IBGE), levando ao incremento da demanda interna, esse aumento não justificaria o crescimento de 27,8% das importações brasileiras de vinho, 11 mil litros a mais em 2010, comparativamente a 2009, o maior crescimento relativo e absoluto da série.